

A TEOLOGIA COMO DOXOLOGIA E MINISTÉRIO NA OBRA DE CATHERINE LACUGNA

*Priscila Cirino Teixeira**

Resumo: Diante de tantas necessidades e urgências percebidas no Brasil e no mundo, interrogamo-nos como a teologia pode contribuir para uma sociedade melhor para todas/os. Perguntamo-nos: que modo de fazer teologia nos levará, como teólogas e teólogos, a revelar o Deus em que cremos? Na tentativa de responder essas questões recorreremos a alguns elementos do pensamento de Catherine Mowry LaCugna. A autora propõe que o exercício da teologia seja orientado por uma articulação entre contemplação e especulação, equilibrando adequadamente teologia apofática e catafática. Em sua compreensão, a teologia, assim como toda a vida cristã, deve ser doxológica. Doxologia esta, entendida como “linguagem viva da fé”, expressa em orações, pensamentos, sentimentos e ações, que são louvor oferecido a Deus por gratidão à abundância de seu amor. Finalmente, LaCugna compreende a teologia como uma vocação, um ministério a ser vivido na Igreja e para o mundo. Faremos ainda uma interlocução entre a reflexão da autora e algumas pistas apresentadas pelo Papa Francisco a respeito da missão de teólogos e teólogas na atualidade.

Palavras-chave: Teologia. Doxologia. Ministério.

Introdução

Em sua última intervenção pública, poucos meses antes de sua prematura morte, Catherine Mowry LaCugna¹, dirigiu-se às teólogas e aos teólogos da *Catholic Theological Society of America* e lhes perguntou: “Por que somos tão atrevidas/os que nos arriscamos a fazer teologia?” (LACUGNA, 1996, p. 44). Na ocasião, a questão se referia principalmente à

* Mestra em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), doutoranda na FAJE, bolsista da CAPES, priscilafmvd@yahoo.com.br.

¹ Teóloga estadunidense, cuja produção acadêmica culminou na publicação do livro *God for us: the Trinity and Christian life* (1991). Também é autora de *The theological methodology of Hans Küng* (1982) e editora do livro *Freeing Theology: the essentials of Theology in feminist perspective* (1993), no qual escreveu um capítulo intitulado *God in communion with us: the Trinity*. Produziu ainda diversos artigos sobre a doutrina trinitária e a relação entre teologia e liturgia, além de abordar temáticas recorrentes da teologia feminista. Estudou a graduação em Teologia na Seattle University, cursando o mestrado (1974) e doutorado (1979) na Fordham University. Em 1981, passou a lecionar na Faculdade de Teologia da Universidade de Notre Dame, em South Bend, Indiana, Estados Unidos, onde permaneceu até 1997, quando morreu de câncer aos 44 anos. Nessa época, estava trabalhando no livro *Living in the Spirit of God, the Spirit of Christ*, que não chegou a ser publicado.

ousadia que leva a refletir e discorrer sobre quem é Deus, mas remetia também ao atrevimento de pensar e explicitar quem somos nós a partir da Revelação e que estilo de vida cristã – e, nela, que modo de fazer teologia – faz-nos manifestar o Deus em que cremos. Diante dessas interpelações, poderíamos estender o questionamento da autora e nos perguntar: Que sentido há em fazer teologia diante da situação mundial e brasileira? Por que e para um Simpósio de Filosofia e Teologia na atualidade?

Para Catherine LaCugna – e também para o Papa Francisco, como exporemos mais adiante –, a reflexão teológica carece de relevância e significado se não brota da vida concreta – pessoal e social – e nela repercute, favorecendo a existência de “comunidades humanas que melhor manifestam a natureza de Deus que é amor”² (LACUGNA, 1989, p. 11). A autêntica teologia, segundo a teóloga estadunidense, “é necessariamente animada pelo Espírito, doxológica, apofática e contemplativa”, além de fiel “à ‘lógica de Deus’, tal como é revelada na história de salvação – eminentemente na vida, morte e ressurreição de Jesus e na presença do Espírito na vida pulsante da comunidade cristã”³ (HILKERT, 2000, p. 341). Como fazer, porém, uma teologia que seja fiel à “lógica de Deus” e relevante para nosso contexto atual? Nossa resposta será dada em dois passos complementares, que correspondem a duas temáticas caras à LaCugna: a relação entre teologia e doxologia e a compreensão da teologia como vocação. Também nos deixaremos iluminar por interpelações do Papa Francisco, expressas em alguns de seus discursos e escritos.

A teologia como doxologia

Diferentemente de outras ciências, a teologia não supõe distância do que será estudo, mas requer “envolvimento com o Deus cuja relação com todas as criaturas é propriamente o ‘objeto’ do estudo teológico”. Por isso, “em teologia, enunciados objetivos surgem quando a/o teóloga/o, por seus próprios pensamentos e palavras, tende ao Deus vivo” (LACUGNA, 1993, p. 360). Como favorecer que isso aconteça? Ao tratar o tema da vocação do/a teólogo/a, LaCugna dá pistas para responder a essa questão.

A autora elenca algumas características intelectuais e pessoais esperadas de quem se dedica à teologia: “clareza mental, precisão na linguagem, habilidade para detectar formas

² As citações de LaCugna, Hilker e Donovan são tradução nossa.

³ Síntese apresentada por Mary Catherine Hilker em um Simpósio sobre a Teologia trinitária de Catherine LaCugna, organizado pela College Theology Society, em 2000. Na ocasião, Hilker abordava o tema da vocação teológica na compreensão e na vivência de LaCugna.

válidas e inválidas de argumentação, e boa saúde psicológica” (LACUGNA, 1993, p. 365). Esses atributos são também almejados em outras tantas áreas do conhecimento. Há algo, porém, que, segundo LaCugna, caracteriza – ou deveria caracterizar – especificamente teólogas e teólogos: “ser também uma mulher ou um homem de oração, cuja relação com Deus e pertença a uma tradição confessional particular nutre sua reflexão sobre o mistério da comunhão divino-humana” (*Ibid.*, p. 365-366).

Tendo isso em conta, ela afirma a importância de que o discurso teológico seja, ao mesmo tempo, especulativo e contemplativo. Para a autora, “contemplação é a investigação ativa a respeito daquilo que é, permitindo a quem contempla ser moldada/o por outra realidade, percebendo o que algo ou alguém é em si mesmo/a, para além de nossas necessidades e desejos de que esse algo ou alguém seja deste jeito ou daquele” (*Ibid.*, p. 366). É na oração – em que se contempla e se acolhe o mistério do Deus que se revela – que os pensamentos e as palavras das/os teólogas/os são moldados pela realidade Outra, fazendo emergir uma teologia que é “conhecimento de Deus por Cristo no poder do Espírito Santo” (*Ibid.*, p. 366).

Tanto a contemplação quanto a especulação, enquanto dimensões inter-relacionadas da teologia, são cingidas pela *oikonomia*. É, portanto, a própria autocomunicação de Deus na história que baliza a produção teológica: “A economia [da salvação] coloca limites ao tipo de conclusões que teólogas/os podem tirar. A economia é, ao mesmo tempo, a fonte da liberdade das/os teólogas/os para falar de modo crítico e construtivo, e o mais verdadeiro e conscientemente possível, sobre o que ela ou ele percebe ser a verdade sobre a economia de Deus” (*Ibid.*, p. 365).

Um discurso teológico que considere, portanto, as dimensões contemplativa e especulativa demanda “esvaziar-nos de noções preconcebidas sobre Deus, livrando-nos de imagens, símbolos e ideias que obstaculizem experimentar o Deus vivo” (*Ibid.*, p. 366). Esse esvaziamento favorece a abertura à manifestação divina tal qual nos é oferecida.

Por isso, LaCugna ressalta que o fazer teológico precisa estar necessariamente conectado com a liturgia e a espiritualidade: “se a teologia é tanto uma disciplina eclesial quanto acadêmica, que é levada a cabo pelo bem da Igreja, então a vida de oração da Igreja e da/o própria/o teóloga/o é um *sine qua non* do labor teológico” (LACUGNA, 1989, p. 8). Vida de oração essa em que “o louvor e a adoração habituais de Deus nutrem no/a teólogo/a sua apropriação pessoal de dois postulados teológicos fundamentais: que Deus é inefável e incompreensível e ‘habita em luz inacessível’ e, por outro lado, que nós podemos verdadeiramente conhecer Deus em Cristo” (*Ibid.*).

LaCugna recorda que a razão teológica tende a enfatizar uma ou outra dessas dimensões do conhecimento de Deus, oscilando muitas vezes entre a teologia apofática e a catafática⁴. Para evitar essa tendência, a autora sugere que a liturgia seja o ambiente propício para verificação dos excessos e distorções nos quais teólogos e teólogas podem incorrer (*Ibid.*, p. 9).

Para a autora, a relação entre teologia e oração (litúrgica ou pessoal) não é algo acessório ou secundário, pois a teologia deve ser doxológica, assim como o é a liturgia. LaCugna desenvolve essa compreensão, explicitando que “a doxologia [...] é a linguagem viva da fé na qual o louvor é oferecido por gratidão à abundância do amor generoso de Deus” (LACUGNA, 1993, p. 324). É a forma mais adequada de resposta à revelação da inefável existência de Deus como amor e comunhão autocomunicantes.

A autora ressalta, porém, que “doxologia é uma realidade mais abrangente do que palavras de louvor. Vidas generosamente a serviço também glorificam a Deus” (LACUGNA, 1989, p. 11). “Tudo o que promove a plenitude da humanidade, que constrói relacionamentos baseados na caridade e na compaixão, glorifica a Deus” (LACUGNA, 1993, p. 343). Nesse sentido, o discurso teológico acadêmico pode e deve ser doxológico, ou seja, um modo de glorificar a Deus por sua autorrevelação amorosa a nós ofertada e um meio para promover relações e instituições pautadas nessa mesma revelação.

Para que isso realmente aconteça, LaCugna recorda que “o/a teólogo/a não pode se situar ‘fora’ da fé para analisar a fé, ou fora da comunhão divino-humana para especular sobre a natureza de Deus, ou fora do louvor a Deus para falar sobre Deus” (*Ibid.*, p. 357). De modo similar, o Papa Francisco, em discurso proferido na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional, chama a atenção para o perigo de uma “teologia de laboratório”, distante da realidade: “Sem compaixão, buscada no Coração de Cristo, os teólogos correm o risco de serem engolidos pela condição do privilégio de quem se coloca prudentemente fora do mundo e não compartilha nada arriscado com a maioria da humanidade” (FRANCISCO, 2019).

Essa postura gera uma teologia “pura e ‘destilada’, destilada como água [...] que não tem nenhum sabor” (*Ibid.*). Esse tipo de teologia insípida – diria Jesus – não serve para nada,

⁴ “[...] a teologia negativa nunca deve ser desconectada do registro positivo da revelação bíblica. A negação deve ser sempre uma forma de afirmação. Um apofatismo excessivo tende a separar a teologia da economia e pode evoluir para o agnosticismo. Uma vez que o Deus cuja face buscamos é o Deus que realmente volta sua santa face para nós, uma vez que este Deus voltado para nós é o Deus a quem adoramos, a teologia catafática é tão necessária quanto a apofática. Por outro lado, todas as imagens e os conceitos de Deus devem ser crivados pela apófase, não como mero método técnico, mas como fruto da única *scientia* que a teologia é. Uma teologia analógica excessivamente confiante colapsa a distinção entre economia e teologia e pode evoluir para uma abordagem excessivamente segura de estar descrevendo o mistério e a realidade de Deus. Embora a liturgia não seja uma panaceia, ela pode servir para verificar excessos ou distorções tanto na teologia apofática quanto na analógica” (LACUGNA, 1989, p. 8-9).

mas para ser jogada fora (Mt 5,13). Ao contrário, a teologia que é boa obra, que ilumina os que estão na “casa” e glorifica o Pai (Mt 5,16), é aquela que brota da conexão com a realidade do mundo, especialmente de quem nele vive situações de maior vulnerabilidade.

A esse respeito, o Papa Francisco exorta:

[...] é importante que os teólogos sejam homens e mulheres de compaixão [...], tocados pela vida oprimida de muitos, pelas formas de escravidão de hoje, pelos flagelos sociais, pela violência, pelas guerras e pelas enormes injustiças sofridas por tantos pobres que vivem nas margens desse “mar comum”. Sem comunhão e sem compaixão, constantemente alimentados pela oração – isso é importante: a teologia só pode ser feita “de joelhos” –, a teologia não só perde a alma, mas perde a inteligência e a capacidade de interpretar a realidade de um modo cristão (FRANCISCO, 2019).

Além disso, uma teologia doxológica, nutrida na oração e na pertença à comunidade eclesial, não pode ser “produzida à maneira de *fast food*” (LACUGNA, 1989, p. 11). Ao contrário, é teologia elaborada por quem se dispõe

[...] a gastar tempo com a doutrina de modo a aprender como ver o mistério através ou para além dela. Isso é outro jeito de dizer que a teologia pode ser ela mesma um meio de união com Deus, pode ser uma forma de *êxtase*, levando-nos além de nós mesmas/os, pode ser uma oportunidade de louvar o Deus a quem vislumbramos, ainda que vagamente (*Ibid.*).

Impelidos/as pela contemplação do mistério de Deus e pela reflexão sistemática sobre o mesmo, nesse êxtase ou saída de si em que ressoa o chamado do Papa Francisco a sermos “Igreja em saída”, teólogos e teólogas se situam, portanto, no cerne de sua vocação e missão na Igreja e no mundo.

A teologia como ministério

Segundo a perspectiva paulina (1Co 12; Ef 4), há muitos dons – ou carismas – que são concedidos pelo Espírito Santo aos membros da comunidade cristã. Essa multiplicidade de dons está orientada à construção do Corpo de Cristo e à maturidade na fé de todas/os as/os cristãs/ãos (Ef 4,4-16). De acordo com o dom que lhe foi concedido, cada um/uma deve atuar “em vista do bem de todos” (1Co 12,7). Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma que “o carisma dos teólogos e o seu esforço na investigação teológica” é um serviço a ser realizado “como parte da missão salvífica da Igreja” (EG, n. 133). LaCugna, por sua vez, compreende a dedicação à teologia como uma vocação (LACUGNA, 1993, p. 365-366).

Segundo a tradição judaico-cristã, a vocação se constitui por dois elementos fundamentais: chamado de Deus e resposta humana (CORDOBÉS, 1993, p. 1187-1192).

Retomando o pensamento de LaCugna, percebemos que ela situa a vocação teológica no horizonte da teologia doxológica, que une harmonicamente contemplação e especulação e conjuga a perspectiva catafática e a apofática:

O caráter doxológico da teologia significa que, enquanto a teologia é eclesialmente situada, sua liberdade e a própria vocação da/o teóloga/o deriva da ação do Espírito de Deus e da conformidade do discurso teológico com a economia da redenção. [...] A/o teóloga/o fala de Deus com base na autorrevelação do próprio Deus no rosto de Cristo e na presença contínua do Espírito. A/o teóloga/o, em outras palavras, deve ter esperança de que seus pensamentos e suas palavras sejam verdadeiros e que glorifiquem a Deus (LACUGNA, 1993, p. 365).

Por isso, “é claro que a convicção e a autoridade para falar desse modo não pode ser dada ou revogada por ninguém mais do que o Espírito de Deus, porque o Espírito é simultaneamente a fonte e o critério do discurso [teológico] sobre Deus” (*Ibid.*). A vocação da/o teóloga/o é, portanto, dom do Espírito concedido a algumas pessoas para o bem da comunidade cristã. Carisma, dom e vocação – embora não sejam sinônimos – podem ser compreendidos como conceitos complementares que expressam uma mesma realidade, que pode ainda ser enriquecida por outro termo: ministério (διακονία).

A palavra ministério, em sentido lato, refere-se ao serviço que todo o Povo de Deus é chamado a cumprir, quer por intermédio de pessoas, quer pela comunidade local, quer como Igreja universal; ministério ou ministérios podem também referir-se a formas institucionais particulares assumidas por esse serviço (COMISSÃO FÉ E CONSTITUIÇÃO DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, 1982, IV, n. 7).

Ao falar da teologia como um ministério, pretendemos destacar sua dimensão de serviço ao povo de Deus, mas também a possibilidade de um reconhecimento estável e institucional dessa *diakonia* na Igreja, a exemplo da recente instituição do ministério catequético⁵. Tendo em vista essa perspectiva, propomos alguns elementos que consideramos fundamentais para o exercício de tal ministério, inspirados ainda nas duas referências – LaCugna e Papa Francisco – que norteiam nossa reflexão.

⁵ FRANCISCO, Papa. Carta Apostólica sob forma de “Motu Proprio” *Antiquum Ministerium*: pela qual se institui o ministério de catequista. Vaticano, 10 de maio de 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

Em primeiro lugar, destacamos que a teologia é um modo de conhecimento nunca fechado e finalizado. Está sempre em construção. Isso se deve, primordialmente, ao fato de que não podemos controlar ou apreender Quem livre e amorosamente se revela a nós. “Deus não é um terceiro elemento *sobre quem* nós falamos, mas é um *Tu* com quem nós falamos” (LACUGNA, 1993, p. 359).

Além disso, como a economia da salvação “é uma realidade escatológica que ainda está tomando forma, a teologia é um tipo de conhecimento que se desenvolve ao longo do tempo. Enunciados teológicos não precisam ser nem podem ser perfeitamente completos”. Por isso, como explicita LaCugna, são passíveis de serem falhos ou deficientes. Isso não faz com que sejam falsos, “mas talvez mais verdadeiros por não pretenderem capturar o mistério inefável de Deus” (*Ibid.*, p. 360).

A esse respeito, na Constituição apostólica *Veritatis Gaudium* (2017)⁶, o Papa Francisco afirma: “o teólogo que se compraz com o seu pensamento completo e concluído é um medíocre. O bom teólogo e filósofo mantém um pensamento aberto, ou seja, incompleto, sempre aberto ao *maius* de Deus e da Verdade, sempre em fase de desenvolvimento” (VG, n. 3).

Essa abertura ao mais de Deus – que está além de nós, ainda que acessível a nós – impulsiona também a evitar “lógicas autorreferenciais, competitivas e, de fato, ofuscantes que [...] também existem em nossas instituições acadêmicas, escondidas, muitas vezes, entre as escolas teológicas” (FRANCISCO, 2019). Para escapar desse risco, “precisamos de teólogos – homens e mulheres, presbíteros, leigos e religiosos – que, em um enraizamento histórico e eclesial, [sejam], ao mesmo tempo, abertos às inesgotáveis novidades do Espírito” (*Ibid.*).

O dinamismo do Espírito Santo, que inspira aquelas/es a quem chamou à vocação teológica, remete-nos a outra característica importante para um adequado exercício desse serviço: “a liberdade teológica é necessária. Sem a possibilidade de experimentar novos caminhos, nada de novo se cria” (*Ibid.*).

Tal liberdade levará, em muitas ocasiões, a formulações diversas e por vezes divergentes, que podem gerar certa tensão nos ambientes eclesiais. Ainda segundo o Pontífice, trata-se

⁶ Constituição sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas, que compreende um proêmio, em que se percebe consonância com outros documentos do Papa Francisco, e duas partes normativas, mais distantes do estilo do Pontífice. A respeito dessas diferenças (e inclusive possíveis divergências), conferir KRANEMANN, Benedikt. Teologia aberta? *Veritatis Gaudium* à prova. 10 abr. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/588271>. Acesso em: 4 out. 2022.

[...] de praticar uma forma de conhecimento e interpretação da realidade [...] cujo modelo de referência e resolução dos problemas “não é a esfera [...] onde cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferenças entre um ponto e o outro”, mas “o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade” (EG, n. 236). É evidente que esta perspectiva esboça uma tarefa exigente para a teologia. [...] Trata-se de “aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo”, adquirindo “um estilo de construção da história, um âmbito vital onde os conflitos, as tensões e os opostos podem alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida. Não é apostar no sincretismo ou na absorção de um no outro, mas na resolução num plano superior que conserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste” (EG, n. 227-228). (VG, n. 3).

Na prática, porém, em não poucas circunstâncias, quem faz teologia de acordo com essa liberdade tem problemas dentro da Igreja Católica. É o que aponta o teólogo Benedikt Kranemann em um artigo no qual aborda a repercussão da Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* entre teólogos/as: “Se é pedida uma teologia aberta, capaz de ir até os seus limites, então também deve lhe corresponder uma abertura espiritual na Igreja, para que não se chegue sempre de novo a conflitos-limite entre o mundo acadêmico e o mundo eclesial-institucional”. Para Kranemann, é preciso valer-se dos incentivos a essa almejada liberdade, afirmados pelo Papa no prólogo do documento⁷:

O lugar da teologia acadêmica deve (ou deveria) ser aquele onde são elaborados os paradigmas do presente. É uma questão de autorrespeito dos teólogos e das teólogas aproveitar a oportunidade da *Veritatis gaudium* para indicar aqueles pressupostos necessários para a própria pesquisa, assim como para o seu ensino. A teologia acadêmica, como qualquer outra disciplina científica, é praticada com compromisso e paixão.

Trata-se de uma “vocação”. Tal teologia não pode ser forçada pela Igreja a se abster daqueles temas e daquelas perguntas com as quais a academia hoje deve se confrontar – por mais incômodas que sejam. A teologia deve lidar com tais questões com toda a abertura e oferecer respostas corajosas (KRANEMANN, 2017).

Respostas estas que precisam ser coerentes com a verdade de Deus manifestada na história de salvação, além de serem expressas em “palavras, atos e atitudes que servem ao Reino de Deus” (LACUGNA, 1993, p. 383), pois “a confissão de fé [pessoal ou comunitária, litúrgica

⁷ Veja-se, por exemplo: “Na verdade, hoje em dia, a exigência prioritária é que todo o povo de Deus se prepare para empreender ‘com espírito’ uma nova etapa da evangelização. Isto requer ‘entrar decididamente num processo de discernimento, purificação e reforma’. E, neste processo, é chamada a desempenhar papel estratégico uma adequada renovação do sistema dos estudos eclesiais. Efetivamente estes não são chamados apenas a oferecer lugares e percursos de formação qualificada dos presbíteros, das pessoas de vida consagrada e dos leigos comprometidos, mas constituem também uma espécie de providencial laboratório cultural onde a Igreja se exercita na interpretação performativa da realidade que brota do evento de Jesus Cristo e se nutre dos dons da Sabedoria e da Ciência, com que o Espírito Santo enriquece de várias formas o Povo de Deus: desde o *sensus fidei fidelium* ao magistério dos Pastores, desde o carisma dos profetas ao dos doutores e teólogos” (VG, n. 3). “Não há dúvida que a teologia deve estar enraizada e fundada na Sagrada Escritura e na Tradição viva, mas, por isso mesmo, deve simultaneamente acompanhar os processos culturais e sociais, em particular as transições difíceis” (VG, n. 4).

ou teológica] está incompleta enquanto não se torna uma forma de vida” (*Ibid.*, p. 377). Nessa perspectiva, também o exercício da teologia, compreendida como vocação e ministério, torna-se uma forma de vida que expressa – com rigor acadêmico e consonância com o mistério contemplado – a confissão de fé no Deus Triúno revelado em nossa história. Afinal, como mencionamos anteriormente, é a conformidade do discurso teológico com a realidade de Deus que lhe dá sua consistência e faz com que tal discurso seja construção sobre a rocha firme (Mt 7,24-27), que é a própria Trindade, “o mistério de Deus revelado em Cristo e no Espírito como mistério de amor” (*Ibid.*, p. 1).

Finalmente, essa conformidade do discurso com a *oikonomia* não é algo que se produz individualmente, mas é elaborada no diálogo com outras/os teólogos/os e na abertura a diversos modos de compreensão da realidade, tanto dos contextos eclesiais como de fora deles. Por isso, a teologia supõe também o aprendizado do intercâmbio de ideias e experiências, que possam levar à produção colaborativa do conhecimento.

A esse respeito, o Papa Francisco exorta: “Diálogo não é uma fórmula mágica, mas certamente a teologia é ajudada na sua renovação quando o assume seriamente, quando ele é encorajado e favorecido entre professores e alunos, bem como com as outras formas de saber e com as outras religiões” (FRANCISCO, 2019). Segundo o Pontífice, o discernimento e o diálogo sincero – “tanto na colocação dos problemas quanto na busca juntos de vias de solução” – configuram um método teológico interpretativo da realidade, que supõe “teólogos que saibam trabalhar juntos e de forma interdisciplinar, superando o individualismo no trabalho intelectual” (*Ibid.*).

Essa maneira de atuar é também uma vivência da sinodalidade:

Como qualquer outra vocação cristã, o ministério do teólogo, além de ser pessoal, é comunitário e colegial. A sinodalidade eclesial empenha assim os teólogos a fazer teologia de forma sinodal, promovendo entre eles a capacidade de escutar, dialogar, discernir e integrar a multiplicidade e variedade das instâncias e das contribuições (ESTATUTO DA COMISSÃO TEOLOGICA INTERNACIONAL, n. 75 *apud* FRANCISCO, 2022).

Para que isso aconteça, é preciso situar-se como “aprendizes dos caminhos de Deus”. De tal modo que, “seja estudando, lecionando, escrevendo, engajada/o em atividades ministeriais”, o objetivo da/o teóloga/o seja “o avanço do Reino de Deus, e não simplesmente o avanço de uma carreira” (DONOVAN, 2000, p. 357). A abertura “a Deus em sua própria vida e às obras de Deus na vida das/os demais [é imprescindível]. O hábito mais necessário é o

discernimento de coração. [...] A teologia praticada dessa forma é vivida no serviço à palavra de Deus que desabrocha e se espalha neste mundo”⁸ (*Ibid.*).

Conclusão

Compreendida, portanto, como um ministério eclesial, a vocação de teólogas e teólogos é um entre muitos modos de viver o serviço ao Reino de Deus e sua justiça (Mt 6,33). Comporta, porém, especificidades – elencadas em nossa reflexão – que devem ser cultivadas e promovidas para o bom exercício dessa *diakonia*. “Em uma teologia simultaneamente contemplativa e especulativa, a/o teóloga/o estará engajada/o com Deus tanto afetiva quanto cognitivamente, tanto imaginativa quanto discursivamente, tanto silenciosa quanto expressivamente, tanto doxológica quanto academicamente” (LACUGNA, 1985, p. 22). E assim poderá realizar seu ministério, como dom e obra do Espírito⁹, recebido da misericórdia divina (2Co 4,1).

Referências

BÍBLIA Sagrada. 10.ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2010.

CORDOBÉS, José Manuel. Vocação. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo (Dir.). Dicionário de Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1993. p. 1187-1192.

COMISSÃO FÉ E CONSTITUIÇÃO do Conselho Mundial de Igrejas. Convergência da Fé: Batismo, Eucaristia, Ministério. Lima, 1982. Disponível em: https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/dialogo_ecumenico/lima_1982_texto_ministerio.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

DONOVAN, Mary Ann. The Trinity, Pastoral Theology, and Catherine LaCugna: the trajectory of a friendship. *Horizons*, Villanova, Pennsylvania, v. 27, n. 2, p. 354-359, 2000.

HILKERT, Mary Catherine. Catherine Mowry LaCugna’s Trinitarian Theology: the vocation of the theologian. *Horizons*, Villanova, Pennsylvania, v. 27, n. 2, p. 338-342, 2000.

LACUGNA, Catherine Mowry. Can liturgy ever again become a source for Theology? *Studia Liturgica*, v. 19, n. 1, p. 1-13, 1989.

LACUGNA, Catherine Mowry. *God for us: the Trinity and Christian Life*. San Francisco: Harper One, 1993.

LACUGNA, Catherine Mowry. Re-conceiving the Trinity as the Mystery of Salvation. *Scottish Journal of Theology*, v. 38, n. 1, p. 1-23, Feb. 1985.

⁸ Síntese apresentada por Mary Ann Donovan em um Simpósio sobre a Teologia trinitária de Catherine LaCugna, organizado pela College Theology Society, em 2000. Na ocasião, Donovan abordava a relação entre doutrina trinitária e teologia pastoral à luz do pensamento de LaCugna.

⁹ “A teologia cristã só é possível ‘no Espírito’.” (LACUGNA, 1996, p. 44).

LACUGNA, Catherine Mowry. Response to John R. Sachs. Proceedings of the Fifty-first Annual Convention of the Catholic Theological Society of America, San Diego, California, p. 39-44, June 1996.

FRANCISCO. A teologia após a *Veritatis Gaudium* no contexto do Mediterrâneo. Nápoles: 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/590252>. Acesso em: 4 out. 2022.

FRANCISCO. Constituição apostólica *Veritatis Gaudium*: sobre as universidades e as faculdades eclesiásticas. Roma: 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html. Acesso em: 13 dez. 2022.

FRANCISCO. Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional. Roma: 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/624261>. Acesso em: 13 dez. 2022.

FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Roma: 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 13 dez. 2022.

KRANEMANN, Benedikt. Teologia aberta? *Veritatis Gaudium* à prova. 10 abr. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/588271>. Acesso em: 4 out. 2022.